



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MÔNICA SIMÕES DA SILVA**

**O FUTEBOL FEMININO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
DESCORTINANDO REFLEXÕES SOBRE ESSA PRÁTICA PEDAGÓGICA.**

**VITÓRIA DE SANTO ANTÃO**

**2022**

**MÔNICA SIMÕES DA SILVA**

**O FUTEBOL FEMININO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DESCORTINANDO  
REFLEXÕES SOBRE ESSA PRÁTICA PEDAGÓGICA.**

TCC apresentado ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

**Orientador:** Haroldo Moraes de Figueiredo

**VITÓRIA DE SANTO ANTÃO**

**2022**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Mônica Simões da.

O futebol feminino nas aulas de educação física: descortinando reflexões sobre essa prática pedagógica / Mônica Simões da Silva. - Vitória de Santo Antão, 2022. 26p.

Orientador(a): Haroldo Moraes de Figueiredo  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Educação Física - Licenciatura, 2022.

1. Futebol. 2. Gênero . 3. Educação Física. 4. Ambiente escolar. 5. Preconceito. I. Figueiredo, Haroldo Moraes de. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

MÔNICA SIMÕES DA SILVA

**O FUTEBOL FEMININO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DESCORTINANDO REFLEXÕES SOBRE ESSA PRÁTICA PEDAGÓGICA.**

TCC apresentado ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Aprovado em: 21/10/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Haroldo Moraes de Figueiredo (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco - CAV

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Magna Sales Barreto (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco - CAV

---

Prof<sup>o</sup>. Ms. Diego Santos de Araújo (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco - CAV

## RESUMO

Tanto as meninas quanto os meninos foram educados desde os tempos antigos que os meninos são influenciados a lutar, brincar e correr, enquanto as meninas a brincar com casinhas, bonecas. "Feminilidade inspiradora". Objetivo: Dito isso, este trabalho tem como objetivo mostrar uma realidade sobre gênero no futebol feminino escolar no Brasil. Métodos e materiais: As pesquisas foram feitas na base de dados do Google Acadêmico, Scielo e trabalhos de conclusão de curso. Revisão da literatura: O início da pesquisa foi sobre a história do futebol no geral, depois sobre o futebol feminino e por fim sobre o preconceito dentro do esporte envolvendo o público feminino nas aulas de Educação Física.

**Palavras-chave:** história; futebol; gênero; preconceito; escola; educação física.

## **ABSTRACT**

Both girls and boys have been educated since ancient times that boys are influenced to fight, play and run while girls play with dollhouses. "Inspiring Femininity". Objective: That said, this work aims to show a reality about gender in female school football in Brazil. Methods and materials: The research was carried out in the Google Scholar database, Scielo and course conclusion works. Literature review: The beginning of the research was about the history of football in general, then about women's football and finally about the prejudice within the sport involving the female audience in Physical Education classes.

**Keywords:** history; football; gender; prejudice; school; physical education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 REFERÊNCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 História do Futebol no Brasil.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 História do futebol feminino e o preconceito.....</b>	<b>10</b>
<b>2.3 Futebol feminino nas aulas de Educação Física .....</b>	<b>11</b>
<b>3 OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>14</b>
<b>3.2 Objetivos Específicos .....</b>	<b>14</b>
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>15</b>
<b>5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>6 CONCLUSÕES .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a sociedade enxerga o futebol como universo masculino devido ao momento histórico em que foi inserido. Instituíram-se funções diferentes para homens e mulheres, que comumente, no caso das mulheres, eram associadas às tarefas domésticas e maternas, enquanto os homens tinham como papel sustentar a família através do trabalho. Restritas à permanência ao lar e proibidas de exercerem atividades físicas devido a sua suposta incapacidade, as mulheres traçaram uma caminhada em busca de igualdade de direitos, consolidando um movimento que permanece na luta pela liberdade e legitimidade do seu espaço na sociedade (SOUZA, 2019).

Nesse contexto, após décadas com esse pensamento, hoje alunos e alunas enxergam com olhares distintos a prática do futebol nas aulas de Educação Física. A maior parte dessa resistência encontrada é pelos alunos, por verem as alunas como inferior, embora a culpa disso seja por motivos da influência que foram expostos culturalmente.

Muitas vezes uma escola onde deveria ser um lugar para trabalhar esse tipo de processo relacionado ao gênero, contribui para esse contexto em que reforça que o futebol é uma prática puramente masculina deixando de lado o público feminino. No entanto, isso muitas vezes acontece porque a maioria dos professores entrega bolas de futebol aos meninos e fala para as meninas jogarem queimada ou vôlei. Esses comportamentos dos professores reforçam mais a separação dos alunos.

Como o esporte é um conteúdo bastante utilizado nas escolas brasileiras, o futebol torna-se fundamental para os alunos. A grande maioria enxerga as aulas de Educação Física apenas para praticar o futebol. Em determinadas escolas os projetos de jogos interclasse são priorizados e competitivos ao ponto de acharem que o time da sala onde alunas fazem parte encontra-se em desvantagem. Quando outros conteúdos como dança, luta e ginástica esse receio por parte dos alunos dificilmente é encontrado.

Para Pereira e Souza (2011), a função da Educação Física escolar é de proporcionar a autonomia do livre exercício, com uma prática corporal onde se desenvolve um movimento com intencionalidade. A Educação Física na escola é um desafio, um compromisso ético de responsabilidade social.

O desejo de igualdade nas aulas de Educação Física não precisa ser a comparação entre alunos e alunas, o importante deveria ser a valorização da diferença proporcionando uma construção do ser social.

Portanto, despertar/encorajar as meninas a jogar futebol contribuirá para reduzir a relação entre gênero e prática esportiva. Esta pesquisa ajudará o professor a repensar sua prática docente e usar novos métodos para transformar a não participação das mulheres nas aulas. Cenário que busque como o tema principal a participação no futebol.

A reflexão acerca da raiz histórica deve ser o principal foco para a persistência da problemática. Como diz o filósofo Claude Levi Strauss, a dinâmica do comportamento coletivo só é possível interpretar apropriadamente através do entendimento sobre o passado.

Por isso, mesmo no século XXI, a desvalorização do futebol feminino é bastante presente na sociedade. O Brasil tem raízes profundas em relação à exclusividade da prática do futebol voltada apenas para o público masculino, proibindo as mulheres de praticar o esporte.

Sendo assim, é fundamental a correção desses erros do passado para que não haja mais exclusão no esporte no presente e futuro.

A falta da participação midiática na divulgação dos eventos envolvendo o futebol feminino é gritante. Ao contrário do intenso enfoque no meio esportivo masculino.

Vemos a importância de mídia promover uma maior visibilidade e abraçar essa causa como deveria ser feita.

Portanto, escolhas de intervenções são imprescindíveis para alteração dessa conjunção negativa. Desse modo, cabe ao ministro da educação acrescentar na grade curricular das escolas, projetos esportivos, com professores de todos os sexos, para que todos os jovens possam ser representados, além disso, criar campeonatos com modalidade masculina e feminina e ambos sejam divulgados por toda cidade atrás das redes sociais, para que todos possam assistir. Assim tornando cada vez maior o espaço feminino nas atividades esportivas, tirando a carta magna da teoria e colocando em prática.

## 2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

### 2.1 História do Futebol no Brasil

No Brasil, o esporte chegou a partir da escola, em 1894, quando Charles Miller (esportista do século XIX) trouxe da Inglaterra duas bolas de futebol e organizou os primeiros jogos que envolviam sócios do São Paulo Athletic Club. Miller foi o responsável pelo início do esporte como competição no país em campos esportivos. Mas o futebol já era praticado seguindo as normas inglesas; o papel de Miller foi impulsioná-lo para a sua organização. Desde os tempos da Colônia, os colégios jesuítas já realizavam os primeiros jogos de futebol acontecidos no Brasil (ALVES; GARCIA, 2000).

Por ser um esporte tão presente na vida dos brasileiros, é fundamental compreender sua origem e difusão no país. Grande parte dos clubes brasileiros surgiram no primeiro quarto do século passado, sem finalidades financeiras, apenas para prática amadora do esporte. Vale destacar que vários clubes reconhecidos por sua grandeza no futebol, originaram-se em outras práticas esportivas, e apenas futuramente adentraram no mundo futebolístico (MATTAR, 2012).

Daí que vem o nome de muitas equipes como o Botafogo de Futebol e Regatas, que iniciou suas atividades na disputa de remo, por exemplo. No fim da década de 20, com a mudança do governo liberal para o modelo centralizador, instituído pelo então Presidente Nacional Getúlio Vargas, o governo começou a investir em ações coletivas no país. Em suas propostas políticas buscava-se alcançar a maior quantidade de pessoas possíveis. Naquele instante, ele assegurava-se de projetos em diversas áreas, como leis, saúde, educação e o esporte, dando destaque para o futebol (MEZZADRI, 2013).

Seguindo os passos do governo federal que pretendia ter opção no futebol como intervenção no Brasil, começaram a surgir instituições municipais e estaduais, construindo estádios para jogos na década de 1950. Claramente, o Poder Público viu a possibilidade de obter privilégios eleitorais (MATTAR, 2012).

Na década de 80 (de maneira involuntária), houve várias transações de jogadores que, associados aos direitos de transmissões televisivas e ao grande uso dos patrocínios como tática de marketing das empresas, fortaleceram a mudança do futebol amador para mercadológico - cenário que se firmou nas décadas de

1990 e 2000 – acompanhando a tendência mundial (MATTAR, 2012).

O futebol é um dos principais esportes do país e uma paixão por esse esporte é visível todos os dias. Muitas vezes as pessoas podem ser encontradas vestindo as camisas de seus times favoritos nas ruas e lendo jornais para saber como foi a última rodada do campeonato. Geralmente, bares em dias de jogos estão cheios de gente assistindo e comentando jogos, amigos estão se reunindo em suas casas para assistir jogos juntos, comentar jogadas, comemorar ganhando e provocando colegas que estão torcendo pelo time adversário. Concluímos que depois da chegada do futebol no país ele faz parte da vida dos brasileiros.

## **2.2 História do futebol feminino e o preconceito**

A primeira evidência vem da Dinastia Han na China, onde uma antiga variante do jogo para tornar a prática socialmente aceitável para as mulheres. Existem outros esportes que mostram que as mulheres jogavam muito futebol no século XII, especialmente na França e na Escócia. Foram definidas normas em 1863 destinadas a evitar a violência do primeiro jogo de futebol feminino foi registrado em Glasgow, na Escócia, em 1892.

O documento mais famoso sobre as origens do futebol feminino remonta a 1894, quando Nettie Honeyball, ativista dos direitos das mulheres, fundou o primeiro clube esportivo chamado British Ladies Football Club. Honeyball, que acreditou em seu caso, afirmou que com essa façanha queria mostrar que as mulheres podiam se emancipar e ocupar um lugar de destaque em uma sociedade que na época excluía muitas mulheres. Durante a Primeira Guerra Mundial, o futebol feminino foi popularizado na Inglaterra.

Por muito tempo, um evento beneficente em 1913 foi como o primeiro jogo de futebol feminino no Brasil. Mas alguns anos depois, descobriu-se que a equipe era na verdade composta por homens vestidos de mulheres. Assim, o primeiro jogo de futebol feminino no Brasil aconteceu em 1921, em uma região de São Paulo. A partida foi entre as senhoras dos bairros Tremembé e Cantareira. Nos anos 40, um decreto-lei do Estado Novo, passou a proibir a prática de desportos incompatíveis com a natureza feminina, com isso, o futebol deixou de ser praticado pelas mulheres. A lei durou até 1979, quando foi revogada e permitiu que times e ligas de futebol feminino existissem no país.

No Brasil, país reconhecido internacionalmente pela qualidade do futebol, o

desenvolvimento do futebol feminino obedece a uma lógica intermitente de expansão e refluxo, lógica fundamentada por um sistema de proibições e permissões instaurado desde o século XIX (FRANZINI, 2005). De modo geral, nos dias atuais, o futebol feminino aparenta ser aceito pela sociedade brasileira, mas ainda não está em igualdade com o futebol masculino no que se refere à visibilidade.

Essa questão está ligada ao preconceito de mulheres praticarem futebol, uma frase que pendura por parte de muitas pessoas é: “futebol não é coisa de mulher”. Com certeza você já deve ter ouvido essa frase e por mais triste que seja ela normalmente é dita por avôs, tios e tias, primos, pais e mães. Esta frase conseguiu/consegue acabar com o sonho de muitas meninas/adolescentes que pensavam em trilhar esse caminho e foram interrompidas por um preconceito que ultrapassa gerações. Em meados do século XX, toda a sociedade tinha repulsa ao futebol feminino, desde pais que proibiam as filhas de jogarem a médicos quemudavamosdiagnósticosparaconfirmarainfertilidadeeevitandoaprocriação.

É importante saber a diferença entre sexo e gênero, pois o sexo é mais visto pelo meio biológico, enquanto gênero é algo do meio social, vindo das relações entre o sexo masculino e feminino. Preconceito de gênero são ideias prévias que promovem atitudes que desfavorecem, desqualificam, desautorizam e constroem as mulheres, como pessoas que tivessem menor importância social. O preconceito de gênero é um tema importante de ser abordado na escola, pois ele vem tomando o mundo de uma forma geral, dentro noticiários e até mesmo das redes sociais. Ele pode ser entendido como sexismo ou é utilizado muito comumente como um sinônimo para machismo, que seria algo que de certa forma venha a privilegiar um sexo, gênero ou até mesmo uma orientação sexual. E é percebido que esse preconceito pode ser praticado não só pelos homens mas também pelas próprias mulheres. Falar que as mulheres são mais aptas para atividades do lar e da cozinha é uma forma clara de preconceito de gênero (JESUS, 2012).

### **2.3 Futebol feminino nas aulas de Educação Física**

O ambiente escolar, desde muito cedo, produziu distinções e desigualdade, a escolas e incumbiu de separar os sujeitos através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. Na concepção e entendimento de alguns autores, a escola, em seu cotidiano, como instituição detentora das funções

educacionais produz e reproduz ações que separam e demarcam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino (PEREIRA, 2004).

Muitas vezes os próprios professores têm um certo preconceito, e com isso uma dificuldade de determinar novos conteúdos que ajudem a gerar mesmas oportunidades entre os meninos e as meninas. E o professor é realmente aquele que deve ser o agente de mudança dentro da escola para que todas essas questões sejam colocadas em debates dentro das aulas, pois a sua opinião é algo muito forte para os alunos, pois os professores podem influenciar as crianças de forma positiva, portanto ele deve demonstrar condições mais igualitárias e justas para os alunos para que eles possam lidar e vivenciar com vários tipos de cultura corporal, para que assim consigam trabalhar com as diferenças e debatendo e interpretando com as aulas (VIANA, 2008).

Uma das maiores dificuldades da ampliação do futebol feminino no Brasil foi diretamente todo esse preconceito quanto ao gênero, que era ainda mais presente no século passado do que vimos atualmente. Com isso, o ambiente escolar não é diferente, o preconceito ultrapassou gerações, onde as crianças do sexo masculino frequentemente praticavam como principal o conteúdo sobre futebol, mas já para as meninas normalmente eram apresentados brincadeiras e jogos como queimada, pique bandeirinha, e esportes eram oferecidos principalmente o voleibol.

A escola como sabemos, serve para ensinar conteúdos e habilidades necessárias à participação do indivíduo na sociedade. A escola então, é fundamental para a formação da cidadania. Por isso, nenhuma criança ou adolescente, ou até mesmo o adulto pode ficar excluído de seus benefícios. Portanto, é na escola que os estereótipos deturpados deverão ser combatidos e levados a uma equidade entre ambos os sexos. Os estereótipos biológicos que tinham por base uma análise anatomofisiológica e sempre colocavam os atletas homens com maior possibilidade de sucesso, acabaram reforçando preconceitos e, num primeiro momento dificultando a jornada das mulheres pelos mundos dos esportes (SIMÕES, 2003,).

É percebido que não é o ato de passar o futebol na escola que está de forma errônea, mas sim o modo como ele é dado, por meio dos professores. E se sempre a técnica e a tática forem colocadas como as mais importantes dentro da aula, o público feminino, sempre terá menos interesse, e logo uma participação pequena.

Desde a infância as crianças não são estimuladas ao esporte, pois normalmente é dada poucas opções a elas, e geralmente são opções que não envolvem muita destreza, força ou habilidade, então desde cedo elas não são acostumadas com jogos com bola, e com isso faz como que seja mais difícil elas despertarem interesse nos esportes, toda essa falta de estímulo muitas vezes às tornam menos hábeis para certos esportes, portanto elas não são excluídas apenas por uma questão de gênero, mas também pela visão da sociedade de serem mais fracas e inábeis (VIANA, 2008).

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Analisar o contexto das aulas de Educação Física, em algumas escolas do Brasil, para entender como tem sido possível trabalhar tanto a prática do futebol feminino como também discussões e reflexões sobre seu contexto histórico-cultural.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Contextualizar o papel das aulas de Educação Física relacionado à prática do futebol feminino, para entender melhor quais fatores contribuem e quais prejudicam essas experiências esportivas no interior da escola.
- Discutir aspectos relacionados ao preconceito sobre a prática do futebol feminino, para refletir sobre o papel das aulas de Educação Física no combate a quaisquer formas de preconceito, dentro desse contexto.
- Apontar possibilidades de ensino-aprendizagem relacionadas ao ensino do futebol feminino nas aulas de Educação Física, para contribuir com a ampliação e melhoria dessas experiências no interior das escolas.

## **4 METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo teórico, de natureza qualitativa, do tipo pesquisa bibliográfica, a qual segundo Gil (2009, p.44) é uma pesquisa que se apropria de materiais já elaborados, como artigos científicos e livros, e têm como vantagem oferecer ao pesquisador ampla base de dados, principalmente dados históricos. Nesse sentido, pesquisamos artigos nas plataformas Scielo e Google Acadêmico, que tratam da temática futebol feminino nas aulas de Educação Física escolar.

### **4.1 Critérios de Inclusão e Exclusão**

Critérios de Inclusão: a) Serem artigos publicados nos últimos cinco anos, de 2017 a 2021. b) Artigos que relataram as dificuldades e os desafios do professor/a de Educação Física no ensino do futebol feminino. c) Os conhecimentos que os professores precisam para trabalhar o futebol feminino na Educação Física escolar.

Critérios de Exclusão: a) Artigos que não focaram nas experiências e vivências do ensino do futebol feminino nas aulas de Educação Física. b) Abordagens voltadas para o ensino do futebol feminino em ambientes não-escolares. c) Artigos que tratassem de práticas de futebol escolar sem direcionar para o público feminino na disciplina Educação Física.

## 5 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÃO

No total foram identificados **16** trabalhos, dentre os quais **10** foram encontrados no Google Acadêmico e **06** na plataforma da Scielo. Após serem aplicados os critérios de inclusão e exclusão, cerca de **9** trabalhos foram excluídos, restando apenas **07** trabalhos.

Em seguida foi empregado o filtro com base no ano de publicação, tendo como critério trabalhos publicados entre os anos de 2012 e 2022. Nesse caso, foram descartadas **04** produções, restando um total de **03** trabalhos”.

Foram analisados artigos referentes ao futebol feminino nas aulas de Educação Física, publicados entre os anos 2012 e 2022. Esses artigos abrangem detalhadamente o assunto, apresentando falas de alunas e alunos de algumas escolas do Brasil, nas quais alguns demonstram indignação em relação à prática desse esporte.

Ao analisarmos as falas dos alunos entrevistados, apresentadas no artigo 1, eles são claros ao dizerem que não sentem diferença quando a aula ministrada é teórica. Entretanto, quando a aula é prática, percebem que há diferenças entre meninos e meninas. Um exemplo disso é quando o professor não procura meios de integrar as alunas na prática do esporte. Como o futebol feminino é carregado de preconceito e machismo, as alunas expressam suas revoltas evitando participar da aula em questão.

Como o futebol faz parte de nossa cultura, deveria ter sido um esporte onde meninos e meninas pudessem praticar livremente, mas isso não aconteceu. Sendo assim, a ausência das meninas nas práticas de futebol/futsal nas aulas de Educação Física requer mais atenção, melhor planejamento de atividades e uma abertura para o debate, junto às turmas, por parte das(os) professoras(res) dessa disciplina curricular.

Só assim poderemos começar a descortinar o problema e perceber melhor quais são os principais pontos (teóricos e práticos) que interferem negativamente nessa participação feminina nas aulas de futebol/futsal nas escolas. Muitas vezes esses pontos são geradores de uma imagem de fragilidade feminina, os quais

camuflam o discurso do preconceito e do rótulo de que as meninas são incapazes de jogar futebol/futsal.

Analisando os artigos 1 e 2, foi perceptível a presença da ideia de desvalorização do futebol feminino, além de rotulações preconceituosas sobre as meninas que praticam futebol/futsal nas aulas de Educação Física.

No artigo 1, de Amarildo Araújo (2019, p. 86), há um trecho de entrevista de um dos alunos, no qual ele se refere a pouca valorização do futebol feminino, bem como de um desinteresse das meninas devido a uma suposta inabilidade delas, na prática dessa modalidade esportiva:

“É pouco valorizado, não tem muita ênfase como o futebol masculino e na escola não é muito praticado. Há um interesse menor das meninas em praticar na Educação Física. A maioria das mulheres não leva [sic] jeito para jogar, mas pessoalmente não tenho nada contra a mulher jogar”.

Em sua fala, onde interpreta que há um interesse menor das meninas, deixa clara a sua opinião, a qual reproduz uma visão social preconceituosa e que subestima o potencial de aprendizagem e desenvolvimento das meninas nesse esporte. Na sua percepção, as meninas preferem não participar das práticas de futebol/futsal por receio de serem rotuladas pejorativamente, ou de simplesmente ouvirem comentários ofensivos e desnecessários, os quais condicionam a prática desse esporte apenas ao público masculino.

No artigo 2, de Lucielton Martins (categoria III: Análise feminina sobre o preconceito na prática do futsal), uma aluna fala abertamente sobre o assunto, expondo sua repulsa em praticar o esporte na escola por ouvir comentários envolvendo sua sexualidade. De acordo com ela, é constrangedor ouvir certas falas preconceituosas “[...] como ser chamada de “mulher macho e/ou sapatão” e por ouvir “que futsal não é para mulher”.

Temos vários pontos que podem ser explorados nessa frase. Um deles remete ao fato da sociedade tentar impor limites às mulheres, com relação à prática de alguns esportes. Esses limites foram passados de geração em geração, durante décadas, trazendo hoje um cenário no qual menina que gostam desse esporte e decidem aprender a praticá-lo sofrem preconceito.

Entre os conteúdos da Educação Física, o futsal é um dos esportes mais praticados na escola, chegando a fazer parte da cultura escolar. Devido o esporte está sempre no topo da lista dos alunos, o futsal é marcado como o “melhor esporte”. Sendo que essa não é uma realidade para as alunas, os olhares direcionados para o gênero feminino é notório a diferença entre os sexos e devido a isso as alunas encontram dificuldade na prática do esporte. Mas algumas alunas que realmente gostam do esporte e não lhe afetam determinadas falas preconceituosas tomam coragem e participam das práticas. Motivando outras alunas também a ignorar as críticas ao redor, mostrando com pequenas atitudes de coragem aos alunos que o futebol pode ser praticado por ambos os sexos.

Depois de muita luta por direitos em relação à prática de esportes, atualmente muitas mulheres conseguem até mesmo jogar profissionalmente. Fatos desse tipo tentam garantir uma maior visibilidade ao esporte feminino, buscando ampliar as oportunidades de acesso e permanência das mulheres em diferentes modalidades esportivas, a exemplo do futebol, bem como mudar pensamentos e quebrar preconceitos.

Os dados levantados nos artigos 1 e 2 remetem à mesma linha de raciocínio, falas de alunos e alunas, tanto de escolas públicas como particulares, expressando a mesma representação do futebol feminino.

No artigo 1, Amarildo Araújo (2019, p. 86), um aluno relata que “[...] É preciso mais imposição do professor [sobre as meninas], [pois] há mais atividades para o futebol masculino”. Essa fala nos faz pensar em como o professor deve explorar pedagogicamente esse assunto e tentar construir a inclusão das alunas de forma tranquila, sem impor sua participação, respeitando o tempo que cada uma delas precisa, para se sentirem mais à vontade em participar.

É preciso sair da zona de conforto, trabalhar abertamente esse assunto, expondo a situação do esporte em relação à prática feminina e buscando dar visibilidade a elas. Essas ações pedagógicas podem despertar nos alunos a necessidade de acolher as alunas e praticarem o esporte juntos. Esse é mais um importante degrau a ser subido rumo à igualdade de gênero no esporte e que precisa ser exercida desde o ambiente escolar, onde geralmente ocorre a iniciação esportiva de muitas meninas e meninos.

Em relação aos professores citados no artigo 2, de Lucielton Martins (categoria VI: olhares e praticas docentes sobre o ensino do futsal feminino enquanto pratica de formação social) a análise é focada na existência ou não de preconceito na modalidade futebol, durante as aulas de Educação Física. A resposta é sim. Existe preconceito e ele não vem apenas dos alunos, vem também dos familiares e até das próprias alunas que não participam de jeito nenhum das práticas de futebol.

Os professores expressam em suas falas que determinados comportamentos dos alunos afetam diretamente no rendimento o aprendizado das alunas em relação à prática do futsal. Com isso, existe limite para o professor conseguir avaliar as alunas nesse quesito sem deixar de lado todo fato da discriminação e preconceito sofrido pelos colegas de classe.

Alguns problemas relacionados ao futebol feminino podem ser minimizados por meio de palestras de conscientização para professores e pais, os quais podem compartilhar uma parte da responsabilidade de combater o preconceito e discriminação, em relação ao assunto. Algumas barreiras só poderão ser quebradas quando a sociedade em geral entender que o esporte pode ser praticado por homens e mulheres, seja de forma lúdica ou profissional.

O artigo 3, Paulo Oliveira (2019, p.7) relata a participação de 50 alunas de uma escola pública no Distrito Federal. Utilizou um questionário com dezoito perguntas sobre as experiências vivenciadas na prática do futebol, nas aulas de Educação Física, com o objetivo de verificar a percepção das alunas sobre o assunto em questão.

Dados do artigo comprovam o aumento do quantitativo de meninas que praticam futebol (mesmo de forma lenta). Aos poucos vemos estudantes praticando o esporte dentro e fora do ambiente escolar. Entre 65% e 90% das alunas responderam que: a) já praticaram o esporte; b) que querem aprender fundamentos e regras; c) que desejam participar de campeonatos; d) que param para assistir partidas de futebol na TV ou internet; e) que se sentem bem ao praticar o esporte.

Por isso, quanto mais o esporte é trabalhado e vivenciado nas aulas de Educação Física, aumentará as chances de obter resultados positivos em relação ao

combate ao preconceito e discriminação nas próximas gerações. Essas sementes plantadas hoje serão colhidas amanhã. A sociedade precisa estar disposta a enxergar e aceitar que futebol também pode ser praticado por mulheres, basta elas sentirem o desejo e terem a oportunidade.

Com base nas análises e reflexões sobre os dados encontrados nos artigos, desenvolvemos quatro pontos para aprofundarmos as discussões. São eles:

**Primeiro ponto.** A experiência das alunas, nas aulas de Educação Física, durante as aulas teóricas é aparentemente normal comparada à aula prática, onde os alunos as tratam de forma igualitária, não se sentem ameaçados, não se importam em atacar as meninas, o preconceito não é nítido. As alunas conseguem absorver o conteúdo mais livres de insultos e rótulos impostos pelos colegas de classe.

Entretanto, existe nas aulas práticas uma mudança total, deixando as meninas em um ambiente bastante instável, devido à maneira como são tratadas. Nesse momento, entra em cena o preconceito, a falta de respeito, invasão de privacidade e diversas outras situações que os alunos forçam as meninas a sentirem.

Devido à falta de conhecimento sobre a verdadeira história do futebol, as meninas colocam a culpa de tudo aquilo que estão sentindo nos meninos, atrapalhando sua própria evolução do esporte e seu fechamento para essa prática. Não podemos esquecer que o futebol chegou ao Brasil como um esporte masculino. Esse pensamento atravessou gerações e ainda gera reflexos negativos nos dias de hoje, considerando a participação feminina no futebol. Apesar desse cenário, vale ressaltar que muitas mudanças vêm acontecendo desde então, diminuindo gradativamente as visões e comportamentos preconceituosos relacionados ao futebol feminino.

**Segundo ponto.** No decorrer da história do futebol, os discursos em torno da ideia de que mulher é sexo frágil, veio da necessidade de manter as mulheres dentro de casa, como era o costume da época quando o esporte chegou ao país. Esse medo constante das mulheres serem iguais aos homens, naquela geração, ameaçava uma suposta superioridade masculina para a realização de práticas esportivas coletivas.

Desde então, o esporte foi masculinizado ao ponto de proibir mulheres de praticar tal modalidade. A mídia consegue alienar seus telespectadores, associando o esporte apenas para o público masculino. Mudanças desse cenário começaram acontecer, em 1940, quando a notícia sobre uma partida de mulheres foi publicada na *Folha da Manhã* deixou Rio de Janeiro e São Paulo em choque. Era disso que o futebol precisava. Mulheres que pisassem em campo para quebrar todo esse preconceito e rótulo de fragilidade, os quais foram impostos a elas.

Apesar da coragem e determinação daquelas mulheres para deixar o esporte igual para todos os gêneros, jornais como *A Gazeta Esportiva* faziam questão de publicar estudos de um médico brasileiro especialista em medicina esportiva. As informações focavam na fisiologia feminina e mostravam consequências como, por exemplo, o comprometimento da reprodução, afetando ovários e útero. Mas essa atitude deixou ainda mais claro que os homens estariam perdendo a submissão das mulheres e elas estariam entrando e ameaçando um espaço que era só deles. Na visão fechada dos homens, as mulheres praticando o esporte estariam “parando seus afazeres domésticos”. De modo geral, não foi fácil a compreensão que o esporte também pode ser feminino. Muitos obstáculos foram colocados na cabeça da sociedade, fazendo todos pensar que lugar de mulher é em casa.

**Terceiro ponto.** Para melhor entendimento do assunto o artigo de Fabio Franzini, intitulado “Futebol é “coisa para macho”? esclarece muitas coisas sobre a história do futebol. A diferença em relação ao esporte, em comparação a forma inserida, é nítido que mudanças aconteceram e podemos ver ao nosso redor. (FRANZINI, 2005).

Por experiência própria consigo expressar uma mudança gradativa que houve em minha cidade sobre o esporte. Moro no interior, em uma cidade chamada Passira, em Pernambuco. Vivenciei momentos de preconceitos com as mulheres citadas no artigo. Em 2015, surgiu um evento onde jovens de faixa etária diferente participaram de um campeonato envolvendo diversas modalidades, incluindo o futsal. Eu nunca havia me envolvido no esporte como naquele momento da minha vida.

Para aprender as regras, funções e fundamentos, um rapaz decidiu nos ensinar. Esse treino acontecia na academia das cidades, lugar aberto, e essa exposição me mostraram como o preconceito era grande na minha cidade em relação a isso. Ouvi mães de meninas que estavam treinando junto comigo dizer que

a filha dela não participaria porque futebol não é coisa de menina. Como precisávamos vestir shorts e camisetas mais largas para o conforto durante o treinamento, vieram pessoas próximas dizer que estávamos parecendo “macho” com aquele padrão de roupa. Fiquei chocada com palavras desnecessárias que ouvi, mas aprendi muitas coisas e dentre elas foi não desistir.

Hoje faço parte de um time onde temos dois horários no ginásio poliesportivo da cidade, horários esses que lutamos para conseguir. Com muito orgulho digo que mais de 16 meninas entendem a teoria e a prática desse esporte, podendo participar de campeonatos e torneios organizados pela prefeitura. Eventos esportivos que em 2015 eram impossíveis acontecer. Atualmente, além da realização dos eventos esportivos que citei, em toda final de campeonato de futsal masculino acontece um amistoso feminino entre as equipes vencedoras dos campeonatos anteriores. Essa mudança de cenário contribui para mostrar aos torcedores de futsal masculino, que eles também podem torcer pelo futsal feminino.

**Quarto ponto.** Nos dias de hoje, mesmo com todo avanço construído por décadas, os professores e professoras de Educação Física precisam estar abertos a fazer o possível para minimizar o preconceito sobre o esporte nas aulas. Esse esforço trará benefícios não apenas no momento, mas ajudarão gerações futuras a tratar futebol feminino da mesma maneira que o masculino. Por isso, trabalhar estratégias didático-pedagógicas para incluir as meninas na prática é um grande passo.

É importante e necessário mostrar aos alunos e alunas que mesmo sendo futebol o assunto trabalhado, devem-se deixar de lado questões relacionadas ao gênero, inserindo todas elas e eles na prática do futebol. Diversas formas podem ser trabalhadas em sala de aula, incluindo a participação das alunas em eventos esportivos organizados pelo professor, com periodicidade anual, chamado de interclasse ou jogos escolares, em várias cidades.

Esse evento precisa ser voltado para modalidades que incluam as alunas. Para isso, exige toda uma preparação. Nesses momentos que antecedem o evento, dependendo de como já é trabalhado a prática sobre o futsal, a inclusão dos meninos para ensinar as meninas sobre o assunto, consiste em envolver os alunos e fazê-los entender e respeitar as alunas, deixando o aprendizado sobre o futebol por parte deles, assim sente necessidade de ensinar para que as meninas da sala deles possam ser destaque na competição. Como falado anteriormente, existem diversas

maneiras de ver progresso em relação ao assunto, depende exclusivamente do professor/professora dentro do ambiente escolar.

## 6 CONCLUSÕES

Conclui-se, através de dados obtidos, que apesar do futebol ter iniciado sua história apenas para um público masculino, nos dias atuais mulheres vivenciam momentos de liberdade, podendo participar da modalidade e outras modalidades de forma aberta até para os telespectadores que podem assistir jogos pela televisão/YouTube.

Mesmo sendo um caminho doloroso para as mulheres que lutaram e conseguiram essa liberdade, os professores e professoras que acreditaram na igualdade de gênero fazer parte do universo esportivo ajudaram bastante. Deixar as alunas participarem das aulas práticas junto com os alunos quebrou muitas barreiras.

Dessa forma, alunos puderam entender e respeitar a introdução das colegas nas práticas de modo geral. Esse movimento foi abrangendo pessoas ao seu redor, tanto da parte das alunas sendo aceitas, quanto os alunos, que expressam seu respeito, dando espaço para que ambos os gêneros estejam juntos absorvendo o conhecimento das aulas teóricas e práticas na Educação Física.

Essa conscientização deve ir além dos muros da escola. Sabemos que o preconceito sobre o assunto vem de dentro da casa das alunas. Mães, pais, irmãos, primos, amigos dessas alunas criam barreiras entre elas e a prática do futebol.

Por isso, a escola deveria organizar palestras com objetivo de construir novas estruturas sociais, facilitando o envolvimento das alunas, fazendo-as sentir igualdade de gênero e não fragilizadas.

Importante salientar que pais de alunos também deveriam comparecer nas palestras, porque devido o ensinamento sobre o futebol ser apenas praticado pelos meninos, a mudança de pensamento precisa ser feita por todos os pais. Assim, o respeito e influências dos pais, alunos mudarão sua postura, facilitando o envolvimento das meninas na prática do esporte.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Amarildo da Silva; BRITO, Cristiane Miryam Drumond de. **O futebol feminino e as representações dos estudantes sobre gênero e lazer em uma Instituição Escolar.** [Minas Gerais]: Revista Interdisciplinar Sulear, v.1, 2019.

CUNHA FILHO, Marcelo Mendes da. **Futebol e mídia: uma análise da divulgação do futebol feminino brasileiro pela mídia online.** Uberlândia: Trabalho de Conclusão de Curso, 2020.

ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. **A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres.** Rio dos Sinos: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”?:** pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. São Paulo: Revista Brasileira de História, v.25, n.50, 2005.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. **Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade..** Florianópolis: Motrivivência, n.30, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história.** Goiânia: Pensar A Prática, 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidade.** São Paulo: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v.19, n.2, 2005.

MAFFEI, Willer Soares; VERARDI, Carlos Eduardo Lopes; CARVALHO, Bruno Jacob de. **O interesse feminino pelo Futebol na escola.** São Paulo. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v.11, n.45, 2019.

MARTINS, Lucielton Mascarenhas et al. **O Futsal feminino em escolas da rede pública e privada de ensino médio da Cidade de Crato – CE.** Crato, CE: Congresso Nacional de Educação, 2016.

MOREL, Marcia; SALLES, José Geraldo do C. **Futebol feminino.** Rio de Janeiro: Atlas do Esporte no Brasil, 2006.

OLIVEIRA, Mariana Gomes de. **Análise midiática sobre o futebol feminino no Brasil: elementos didáticos para a educação física no ensino médio.** Florianópolis. Motrivivência, v.32, n.63, 2020.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **"Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro.** São Paulo: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v.30, n2, 2016.

SARDINHA, Esperança Machado. **A estrutura do futebol feminino no Brasil.** São Paulo. Revista Hórus, v.6, n.1, 2011.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Preconceito no futebol feminino brasileiro**: uma visão sistemática. Porto Alegre: Movimento, 2013.